

# Fique por Dentro

Boletim Informativo - Nº 10/2023



Paese, Ferreira  
& Advogados Associados



## Pacto pela igualdade

**V**entos de esperança. Estamos longe de alcançar um mundo em que homens e mulheres tenham acesso aos mesmos direitos e oportunidades. Nosso boletim informativo é abundante em dados nesse sentido. Num cenário tão adverso, ousamos convocar todas e todos que nos leem a unir forças para pensar e planejar ações concretas contra o machismo estrutural que nos causa tantos danos – a meninas e meninos e a mulheres e homens.

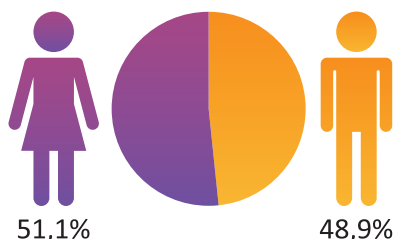
Isso passa por procurar entidades e movimentos sociais que incidam sobre o poder público, pautando a elaboração das leis e a construção de políticas públicas voltadas ao combate à violência contra a mulher e a garantir a todas as meninas e mulheres os espaços que são seus. Passa, também, por afinar o olhar para o cotidiano, estimulando a divisão das tarefas domésticas, desde o seu planejamento

até a sua execução. Requer, em especial, enxergar as mulheres que estão ao redor, para as escutar e entender quais são as suas dores, refletindo-se sobre o que podem fazer as pessoas (e as instituições) do seu entorno para que a vida de todas seja efetivamente digna.

Estamos falando de um grande pacto social pelo encorajamento e acolhimento de mulheres vítimas de violências, pela não discriminação e por ações afirmativas que se voltem a acabar, por exemplo, com o abismo salarial entre homens e mulheres e com o chamado “teto de vidro”, que impede as profissionais de ascenderem dentro de suas organizações, seja por preconceito, seja por estarem sobrecarregadas com tarefas que deveriam ser de todos. Para que “o lugar da mulher seja onde ela quiser”, é necessário um comprometimento coletivo. Vamos nos unir por esta causa?

# A realidade feminina no Brasil

## MAIORIA FEMININA



A população brasileira é composta por 51,1% de mulheres e 48,9% de homens.

## SALÁRIOS MENORES



Mulheres ganham, em média, 20% a menos do que os homens. A diferença salarial entre os gêneros persiste mesmo quando comparamos trabalhadores de iguais escolaridade e idade e na mesma categoria profissional. Na prática, isso significa que a cada ano a trabalhadora mulher trabalha 74 dias de graça.

## MULHERES TRABALHAM MAIS

São 7,5 horas a mais do que os homens, por semana. Na maioria dos lares, as mulheres são as responsáveis pelas tarefas domésticas. Esse trabalho é invisível, desvalorizado e desprotegido pelo sistema de seguridade social.

## MULHERES NEGRAS GANHAM MENOS

No segundo trimestre de 2022, o trabalho da mulher negra representou apenas 46% dos ganhos dos homens brancos. O rendimento médio do trabalho em 2022 foi de R\$ 3.574 entre os homens brancos mais pobres, enquanto as mulheres negras não receberam mais que R\$ 1.771.

## ELEITORAS E REPRESENTANTES

Mulheres representam 52% do eleitorado, mas nas últimas eleições apenas duas governadoras foram eleitas dentre 27 cargos para governo de estado e DF. No Senado, ocuparam apenas 14,8% das vagas em disputa, enquanto na Câmara de Deputados atingiram 17,7%. Esses números vêm crescendo nas últimas eleições, mas ainda precisamos incentivar o aumento da representatividade feminina nos espaços de poder.

## FEMINICÍDIO

Entre março de 2020 e dezembro de 2021, 2.451 mulheres foram mortas. Em 2021, ocorreram 1.319 feminicídios no país. Ou seja, em média, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada 7 horas. No RS, o número de feminicídios aumentou 10,4% em 2022. Ao menos 106 vítimas foram assassinadas por questões de gênero. A cada 4h uma mulher é agredida.

## VIOLÊNCIA SEXUAL

Entre março de 2020 e dezembro de 2021, 100.398 mulheres foram estupradas ou sofreram alguma violência sexual no Brasil.

No Rio Grande do Sul, a cada 22 minutos uma mulher é agredida.



## O ALVO DA VIOLÊNCIA

As mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio. Elas representam 67% dos casos notificados em 2020. As mulheres brancas correspondem a 29,5% dos feminicídios e as indígenas, 1%. Há uma escalada no assassinato de mulheres negras no Brasil, que sofreu aumento de 45% durante a pandemia. No mesmo período, o feminicídio de mulheres brancas recuou em 33%.

## DEFICIÊNCIA E OPORTUNIDADES



Pessoas portadoras de deficiência ocupam apenas 28,3% do mercado de trabalho. Mulheres com deficiência têm taxas de desocupação maiores do que as dos homens. Para as mulheres negras, essa taxa chega a 13,4%, enquanto as brancas com deficiência e sem ocupação representam 12,6%.

## TELEFONES ÚTEIS

**DEAM – Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher**  
(51) 3288-2173/3288-2327/  
3288-2172

**Patrulha Maria da Penha da BM**  
Disque 190

**Disque Denúncia**  
Disque 180

**Escuta Lilás (ligação gratuita)**  
0800-541-0803

**CRAM – Centro de Referência da Mulher Márcia Calixto**  
(51) 3289-5102

**Defensoria Pública do RS**  
(51) 3211-2233

**Procuradoria Especial da Mulher da CMPA**  
(51) 3220-4358



# Chega de violências!

## FIQUE DE OLHO NOS SÍMBOLOS

Estereótipos, ícones, sinais, emojis e mensagens podem transmitir e reproduzir condições de desigualdade. A repetição desses padrões acaba naturalizando a subordinação das mulheres a condições e relações sociais precárias e desiguais. Na TV, papéis de empregada doméstica ou babá usualmente são exercidos por atrizes negras. Na internet, em geral são as mulheres que ilustram reportagens sobre turismo sexual. No carnaval, as fantasias femininas normalmente expõem e objetificam os corpos femininos. Perceber esses "recados" implícitos é a primeira condição para mudarmos a nossa cultura e a nossa conduta.



## ESCUTE COM ATENÇÃO



Nossa língua está impregnada por expressões, gírias, palavras e ditados que criam diferenças inaceitáveis entre os gêneros, em desfavor de ambos, mas vitimando em maior grau as mulheres. Precisamos refletir sobre o que dizemos e reproduzimos. O que eu falo é realmente o que sinto e penso? Qual a origem do ditado popular que escuto e reproduzo? Essas manifestações perpetuam ideias de superioridade do masculino sobre o feminino? Sobre isso, o que estamos ensinando às próximas gerações?

## ELA QUIS DIZER

Quando um homem explica algo óbvio a uma mulher, de forma didática, como se ela não fosse capaz de entender, ou quando ele, em uma reunião de trabalho, tenta "resumir" aos demais o que a colega disse, ele pratica *mansplaining*, uma espécie de assédio estrutural muito presente na nossa comunicação. Mas mulheres não precisam de intérpretes.

## MAN INTERRUPTING

Em uma reunião de trabalho, em um debate ou até mesmo numa conversa entre amigos, frequentemente as mulheres são interrompidas por algum homem, com a intenção de invalidar ou de tirar o foco da atenção sobre o que elas estão dizendo. Muitas vezes o tom de voz utilizado pelo homem pode ser rude, grosseiro, irônico ou desdenhoso, o que dificulta a defesa por parte da mulher.

## A AUTORIA É...



Quando um homem se apropria de uma ideia já externalizada por uma mulher, levando os créditos por ela e passando a falar sobre o tema como se fosse seu, ele pratica *bropropriating*. A história universal está cheia desses casos. Cientistas mulheres muitas vezes fizeram pesquisas e descobertas de grande relevância para a humanidade, mas seus colegas homens foram quem ganharam as medalhas.

## A MÍDIA NOSSA DE CADA DIA

Lemos jornais e revistas que utilizam linguagem e imagens estereotipadas, assistimos telejornais e novelas que exploram e discriminam as mulheres, legitimando e naturalizando a desigualdade e reproduzindo padrões socioculturais de violência. Observe: mulheres consideradas bonitas geralmente são destacadas para apresentarem a previsão do tempo ou são as mocinhas bem sucedidas da dramaturgia; a jovem da periferia acaba sendo vítima de feminicídio na novela.

## VOCÊ TEM CERTEZA?



Praticar abuso psicológico, por meio de manipulação, fazendo uma mulher duvidar do seu próprio senso de percepção, raciocínio, memória e sanidade, é uma prática de assédio denominada *gaslighting*.

## AS INSTITUIÇÕES SÃO PARA TODOS



Profissionais e agentes de instituições públicas e privadas, partidos políticos, organizações e sindicatos não podem impedir ou dificultar o acesso das mulheres a cargos, serviços, políticas, concursos e direitos. Fique atenta: equipes femininas têm o direito de reservar a quadra de futebol do clube, mulheres não podem ser obrigadas a usarem banheiros masculinos e todas são elegíveis para cargo ou mandato.

## EM CASA

Mulheres são agredidas no âmbito familiar e afetivo, de forma física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral. O chamado "ciclo da violência doméstica" funciona como um sistema circular de agressões. O ciclo tem como característica um caráter de continuidade, com uma repetição sucessiva ao longo de meses ou anos. Em situações-limite, acaba em feminicídio.

## NO TRABALHO

A violência contra as trabalhadoras é toda ação ou omissão que impede o acesso ao emprego, dificulta a qualificação e promoção profissional, nega condições de estabilidade, remunera com salários menores que os dos homens e as submete a tarefas indignas. Raça, cor, etnia, aparência, estado civil, idade e ter ou não filhos não podem ser usados como critérios no ambiente de trabalho. Se isso ocorrer, você está sendo vítima de violência laboral.

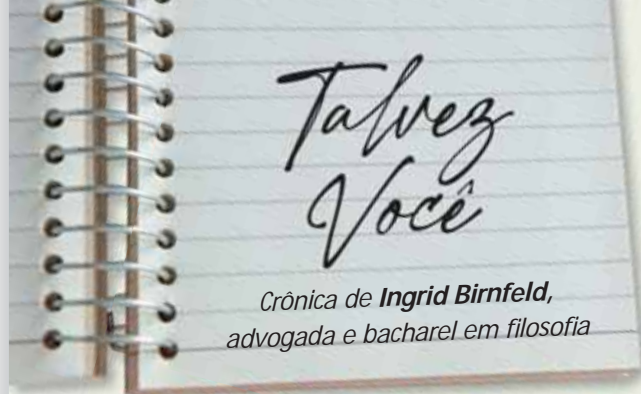
## DURANTE E APÓS A GESTAÇÃO

Gestantes, parturientes e lactantes jamais podem sofrer violência física, psicológica, verbal, simbólica ou sexual pelo fato de estarem grávidas, parindo ou amamentando. Mulheres são protagonistas das escolhas sobre seus corpos e seus filhos e é um dever de todos cuidar da geração da vida e permitir que bebês e crianças cresçam saudáveis.

## REDPILL, INCEL, MGTOWN E OUTROS MASCULINISMOS



Preste muita atenção aos grupos nas redes sociais que classificam as mulheres por escalas de valor, que afirmam que são manipuladoras e que devem voltar a serem submissas aos homens. Geralmente esses grupos se relacionam com movimentos radicais que pregam discursos de ódio e políticas antigênero. E, o que é pior, espalham fake news e lucram com isso.



A pandemia acabou com a saúde das mulheres. Mães, trabalhadoras, companheiras, cuidadoras, filhas. As rápidas e inúmeras transformações organizacionais, as dispensas temporárias e o enxugamento de recursos humanos miraram as mulheres, que são 69% das pessoas atingidas por processos de demissão em massa. Demitidas, foram pra casa. Mantidas na empresa, foram pra casa também: tudo vai dar certo e logo você vai se adaptar ao trabalho remoto. E, em casa, estavam os cônjuges, também em home office improvisado, as crianças em teleaula (uma experiência inesquecível), os idosos precisando de apoio e proteção para não morrerem, as louças na pia e as roupas pra lavar chamando a todo momento... trabalhe com um barulho desses! Depois disso tudo, volte, como se nada tivesse acontecido com a profissional que você sempre foi. Seu lugar está garantido.

Muitas não retornaram: a taxa de desocupação das mulheres no mercado de trabalho é a maior dos últimos 30 anos. Mas se você voltou, se o seu lugar estava realmente garantido, o fato é que *você não é mais a mesma*.

Talvez você esteja trabalhando irritada, cansada, apática, ansiosa, triste. Talvez você sinta dores permanentes no corpo e não veja mais sentido em tarefas que antes gostava de executar. Talvez você seja uma profissional da saúde, tenha trabalhado com o horror da morte sempre por perto e tenha salvado muitas vidas, e mesmo tendo sido muito valente e necessária, hoje tenha dias que se sente vazia, incompetente, sem motivação para prosseguir. É possível que em alguns momentos você até sinta orgulho de se sentir assim: afinal, adoeceu porque trabalhou (e dizem que há algo de nobre nisso). Talvez você se sinta bem e bonita e também se culpe por isso, pois

muitas colegas suas perderam pessoas queridas, tiveram seus casamentos arruinados e você não, você continua aí como se nada tivesse ocorrido.

A vivência pessoal de acúmulo de tarefas, de condições de trabalho precárias, de jornadas exaustivas e cumuladas com a vida doméstica, somadas ao medo que a todos assombrou, tornou ainda mais crônica a dura realidade das mulheres: ao invés de frear o crescimento de casos de adoecimento emocional, o fim do isolamento escancarou as raízes de uma cultura que as sobrecarrega física e mentalmente, responsabilizando-as pela administração da casa e da família e exigindo delas sucesso, resiliência e permanente capacidade de se reinventar.

No Brasil, três em cada dez profissionais sofrem com a síndrome de burnout, que apresenta alguns dos sintomas acima. Pesquisas indicam que cerca de 42% das mulheres podem estar por ela acometidas, sendo que a chance dessa síndrome as afetar é 20% maior do que de acometer os homens, creditando-se essa realidade exatamente à cultura do cuidado, que exige que as mulheres sejam superhumanas, mas pouco as reconhece e as retribui.

Talvez tanta coisa tenha ocorrido com você. Com sua saúde, com seus familiares e amigos, com a vida que tinha, com aquilo que você achava que era. Como num mergulho em águas revoltas, talvez seja a hora de você se perguntar não tanto sobre a nitidez do que está enxergando ao agora voltar à superfície, mas muito mais sobre a extraordinária força das suas pernas, essa força que não a deixou se afogar e que a impulsionou viva até aqui, o olhar nas bordas do horizonte buscando rumos coletivos de compreensão e reconstrução, todos juntos em busca de um mundo mais justo e mais solidário.

Talvez você seja apenas *uma* mulher.